

*Discurso na cerimônia de assinatura
de atos relativos aos programas de apoio
ao agronegócio brasileiro*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 24 DE SETEMBRO DE 2002

*Meu caro Ministro Marcus Vinícius Pratini de Moraes; Ministro José
Abraão; Ministro Euclides Scalco; Doutor Neivor Canton, Presidente da
Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina; Senhores
representantes dos produtores rurais; Senhores altos funcionários; Senho-
ras e Senhores,*

Eu queria, em primeiro lugar, junto com as palavras do Ministro Prati-
ni, agradecer aos aqui presentes e, em nome dos aqui presentes, a todos
aqueles que têm contribuído para a mudança da agricultura no Brasil.
O que foi feito neste país, nesses últimos anos, em matéria de produção
agropecuária é uma verdadeira revolução.

Recordo-me de que, há pouco tempo, não sabíamos o que fazer com
as dívidas agrícolas, com a falta de financiamento, com as dificuldades
de toda ordem que tínhamos que enfrentar. Qualquer pessoa que assu-
missem a função de Ministro da Fazenda, como assumi, em momento
muito difícil do Brasil, ficava, eu diria, quase desesperado, tal a quanti-
dade de problemas e tal a falta de perspectivas. Eram reclamações por
todos os lados.

Mesmo depois da estabilização, quando fui candidato à Presidência pela primeira vez, recordo-me de que, nas cooperativas rurais, em Londrina, em Maringá, no Paraná e em outras partes do Brasil, havia uma obsessão: a TR perturbava a vida de todo mundo. A vida do produtor era de muita inquietação e de permanente recurso aos bancos, os quais, com taxas de juros elevadas, faziam uma espécie de círculo vicioso: quem entrava no banco, dele não saía. E não se viam, como eu disse, perspectivas de solução. Quando a isso se somavam alguns problemas – por exemplo, uma seca ou outros, como invasões de terras, que eram bastante abundantes e freqüentes –, aumentava o desespero.

Levou muito tempo para que, pouco a pouco, pudéssemos ir reconstruindo as bases que permitem ao País ter uma produção agrícola constante, crescente e com perspectivas. Isso não se faz do dia para a noite e não se faz sem conflito; mas também não se faz sem diálogo. Não se faz sem reivindicação, mas também não se faz sem conciliação. Não se faz sem que haja uma determinação, sem que haja um rumo para que o País possa avançar.

Levamos alguns anos costurando tudo isso. Uma boa parte da política do Ministério da Fazenda se dedicava a essas questões, se dedicava a dizer “não” a essas questões, porque não havia horizonte para dizer “sim”. Boa parte das discussões com o Congresso Nacional eram ásperas, porque era impossível contemplar as expectativas e as reivindicações.

Por sorte, com a cooperação de todos, pouco a pouco, fomos desbastando esses problemas. Não é que hoje não existam problemas, mas estamos nos concentrando naquilo que conta: aumentar a produtividade, ampliar as formas de crédito, fazer, como agora, um esforço no sentido do crédito rural, fazer com que o Governo participe desse processo e, sobretudo, lutar contra as barreiras externas que impedem o acesso aos mercados.

Hoje, nós nos ocupamos mais em lutar contra as barreiras externas do que em fazer lutas internas para a obtenção de resultados. É uma transformação muito grande. Devo dizer que, nessa transformação, não apenas contamos com a cooperação dos produtores, de seus repre-

sentantes, dos congressistas, mas também houve quem se dedicasse, dentro do Governo, à solução dessas questões.

Dentre todos, não há dúvida nenhuma de que, em matéria agrícola, o Ministro Pratini de Moraes recebe a “palma de ouro”. Fez um trabalho extraordinário para revitalizar a economia brasileira. Ele é merecedor da nossa gratidão. Estou expressando, de público, o meu sentimento, porque é justo. O Ministro Pratini teve aquela capacidade, essencial a um bom Ministro da Agricultura, de sensibilizar as áreas financeiras do País – o Banco do Brasil, o Ministério da Fazenda – para a questão central, que é a questão do financiamento.

Quando o Ministro da Agricultura não tem condições de negociar, de discutir, de dialogar com seus colegas da área financeira, ele pode ser um bom plantador, pode ser uma boa pessoa, pode ser um excelente político, mas não é capaz de fazer aquilo que é necessário no mundo moderno, que é justamente dialogar com as outras áreas da produção, para que a produção possa fluir melhor. E, quando esse Ministro é capaz, além disso, de influenciar o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério de Indústria e Comércio Exterior, aí ele ganha aquele conjunto de qualidades que o Ministro Pratini de Moraes detém. Por isso, nós, hoje, estamos aqui prestando esta justa homenagem.

E mais ainda: foi possível estabelecer, nesses anos, uma cooperação nova entre o Ministério da Agricultura, o Ministério da Fazenda e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Foi possível incorporar às nossas preocupações a produção familiar, a questão das cooperativas, a questão dos sem-terra – com muita dificuldade, com muita incompreensão, mas fomos avançando.

Hoje, haverá, aqui e ali, uma invasão de terra, mas a sociedade já repudia isso. Houve momentos em que parecia que a sociedade estava sensibilizada e, através de marchas e manifestos sem fim, sitiava o Governo, como se fosse o Governo que não quisesse fazer a transformação na propriedade fundiária e não aqueles que atropelavam o processo em nome de ideais que não sei bem se eram propriamente os de ajudar a quem não tem terra ou de atrapalhar o conjunto do País, visando a um

outro tipo de sociedade, que não está ao alcance de ninguém nos dias que correm.

Mas mesmo isso passou, mesmo essa febre que parecia ter tomado conta de todos, que empolgava setores que nada tinham a ver com o campo e que dava a ilusão de que bastava dar terra àqueles que não tinham terra para que tudo se resolvesse, em vez de perceberem que é insuficiente dar terra: tem que dar educação, tem que dar meios de produção e tem que haver também um espírito de disciplina e de trabalho, senão não adianta muita coisa ter um pedacinho de terra. Foi preciso muito tempo para que a sociedade brasileira, pouco a pouco, fosse entendendo esses processos e que nós, hoje, pudéssemos trabalhar com mais tranquilidade.

Não nos enganemos: tranquilidade se conquista com a democracia, pela perseverança, pelo diálogo, pelo esforço, pela seriedade, pela capacidade de dizer “não” e “sim”, quando é possível; e também se esboroa rapidamente.

Se não prestarmos atenção, se não percebermos que isso tudo é uma construção que levou anos para ser feita; se nós imaginarmos que está tudo assegurado, incorreremos em grande erro, porque a democracia se refaz a cada dia. E a capacidade de um povo de marchar na direção dos países mais desenvolvidos pode se perder em poucos meses, se não houver capacidade efetiva de vislumbrar mais longe e de ser capaz, efetivamente, de ir construindo, crescentemente, os caminhos do progresso. Nós estamos construindo os caminhos do progresso.

Os dados que o Ministro Pratini acabou de mencionar, que eu me eximo de repeti-los porque os senhores os conhecem, mostram que a agricultura brasileira não é só agricultura. O *agrobusiness*, a agricultura, a pecuária, o mundo rural brasileiro hoje nos põem, verdadeiramente, em condições de estarmos na vanguarda do mundo. E nós temos que manter essa posição, que não se mantém com retórica: mantém-se com competência, trabalho e seriedade.

Ninguém mantém, no mundo de hoje, ou realiza avanços com palavras. Não se realizam avanços simplesmente com protestos, com reivindicações sem fim. É preciso que se tenha a capacidade de processar as

reivindicações e que se encontre um caminho construtivo, que leve a resultados. O que não acontece do dia para a noite.

Nós estamos, indiscutivelmente, hoje, capacitados para avançar mais no nosso setor agrícola, no nosso mundo rural. Nós, hoje, temos, como disse o Ministro Pratini, a capacidade de, praticamente, reverter a nossa balança comercial em função dos grandes progressos da agricultura brasileira. E o que este país fez nesses dois últimos anos, em matéria de reversão da balança comercial, é notável. Em 1999 e 2000, em conjunto, deve ter havido um déficit de cerca de 10 bilhões de dólares. Em 2001 e 2002, vamos superar 10 bilhões, somando esses dois anos, sendo que neste ano já estamos pensando em 8 bilhões e meio e, quem sabe, mais, o que significa que só operaremos com folga. Ou seja, em dois anos demos uma volta de 20 bilhões de dólares, de 10 negativos para 10 positivos. É só persistir, que a famosa vulnerabilidade externa vai diminuindo.

Nos cálculos mais recentes sobre a balança de contas no Brasil, quando, há um ano, o déficit era de 33 bilhões de dólares, hoje estamos em 16. Houve uma redução muito forte. E não se pense que essa redução se deu em função da diminuição de importações. Também. Mas não se pense que essa diminuição de importações se deu somente em função da diminuição do ritmo de atividade: deu-se também porque houve substituição de importações, por causa da taxa de câmbio. Nada disso, naturalmente, justifica a especulação dos dias que correm. Essa não tem base na realidade, não tem nada a ver com a economia real, não tem nada a ver com o estado das contas públicas, não tem nada a ver com a balança de contas do Brasil. Isso tem a ver com outros fatores de outra natureza, externos e internos, e que não estão ligados ao processo produtivo.

Mas nós, aqui, que hoje nos ocupamos da agricultura e desse processo produtivo, só temos a saudar e agradecer o trabalho que foi feito, que está avançando, como nas medidas anunciadas pelo Ministro Pratini hoje, tanto a do seguro de crédito, quanto a da questão do calcário e muito especialmente quanto à preparação de mudas para que nós possamos, efetivamente, reflorestar.

Há a possibilidade de um mercado novo, que é o do aproveitamento dos acordos havidos depois de Kyoto. Agora, quando a Rússia assinar o

Protocolo de Kyoto – e nos prometeu em Johannesburgo que iria assinar – e o Canadá também, nós teremos condições efetivas de abrir um novo mercado, que é o mercado da troca de CO₂. Isso é muito importante, a possibilidade de nós reflorestarmos com floresta nova e recebermos títulos que nos permitam, realmente, uma negociação no plano internacional. É uma nova oportunidade, uma nova abertura para a produção agrícola brasileira.

São medidas complementares àquelas que vêm sendo tomadas nesses últimos anos, mas que mostram já como nós, agora, precisamos de mais aperfeiçoamento, de mais sofisticação, porque as medidas de base efetivamente foram tomadas e estão avançando.

Repito, não é só na produção agrícola: na pecuária também houve avanço muito grande, na genética, no acompanhamento, no rastreamento dos nossos animais, na produção de novos tipos de carne e abrindo novos mercados; na questão dos novilhos verdes, a que assisti, lá no Pantanal, com as transformações que estão ocorrendo nessa área, tão boas que a oposição põe na televisão hoje como se fosse dela, que criticou o tempo todo, dizendo que não se fazia nada, que não se dava apoio nenhum. Agora é glória. Tomara. A glória não é minha, não é nossa: é do Brasil, porque avançamos; é dos senhores, é de quem trabalhou. Avançamos. De modo que é um amplo espectro de transformações que têm sido realizadas nesse terreno.

Quando eu me lembro – e me permito concluir, para não falar demasiado – das dificuldades que tivemos que enfrentar, custa crer que fosse possível superá-las. Por isso mesmo, tenho a convicção de que não vamos ter que voltar a enfrentá-las no futuro, porque o Brasil terá maturidade para seguir no rumo de um país que sabe o que custa o crescimento, o desenvolvimento econômico, o bem-estar da população, e sabe que essas conquistas têm que ser retomadas e refeitas no dia-a-dia, porque elas se esboroam depressa – e nós, em mais de um momento, já as vimos esboroarem-se. Mas hoje nós temos bastante mais experiência e consciência nacional, de tal maneira que tenho a convicção de que o que foi feito veio para ficar.

Muito obrigado.